

Empresas voltam a usar derivativos



Em 2009, o resultado líquido das operações com o instrumento foi positivo em US\$ 169 milhões

Vanessa Correia

vcorreia@brasileconomico.com.br

Os derivativos estão de volta. Pelo menos é o que aponta o levantamento do Instituto Assaf, fornecido com exclusividade ao **Brasil Econômico**. Em 2009, o resultado líquido das operações com derivativos foi positiva em US\$ 169 milhões, apesar do prejuízo de US\$ 312 milhões registrado pelas empresas em 2008.

Mas as perdas apresentadas no ano passado não foram atípicas. Dados do Banco Central (BC) apontam que de 2000 a 2009, apenas os anos de 2006 e 2009 registraram operações positivas com derivativos. Em contrapartida, 2007 foi o ano de maior prejuízo nesse tipo de negócio: US\$ 710,3 milhões.

“Os derivativos estão de volta, porém usados de forma mais consciente. Em função do amadurecimento dos investidores e do aprendizado com os anos passados, as operações estão mais conservadoras e mais bem estruturadas”, diz **Fabiano Guasti Lima**, pesquisador e consultor do Instituto Assaf.

De acordo com ele, até o final do primeiro semestre deste ano, muitas companhias ainda contabilizaram perdas com derivativos. “É difícil saber se essas operações eram alavancadas. O que posso dizer é que as perdas foram registradas porque ainda havia operações por vencer”, completa.

O assunto ganhou relevância em outubro do ano passado, quando o dólar subiu quase 50% frente ao real e levou empresas como Sadia, Votorantim e Aracruz a contabilizarem perdas bilionárias devido a operações mal-sucedidas envolvendo a moeda americana.

Futuro, termo e opção

Os contratos de derivativos podem ser classificados em financeiros e não financeiros. Dentro

“

Em função do amadurecimento dos investidores e do aprendizado com os anos passados, as operações estão mais conservadoras e mais bem estruturadas

Fabiano Guasti Lima,
consultor do Instituto Assaf

dessa classificação, há o mercado a termo, futuro e de opções.

O contrato a termo é um contrato em que são realizadas operações de compra e venda de contratos de ativos, para liquidação em uma data futura, e preço previamente fixado sendo formado pelo preço praticado efetivamente no mercado mais uma taxa. Um contrato futuro segue a mesma definição do contrato a termo, sendo a operação a futuro admitida como uma variante de uma operação a termo. As diferenças principais entre mercado a termo e mercado futuro são referentes ao contrato, a data de entrega do ativo e as diferenças de preços. Já um contrato de opção dá ao titular o direito de exercício. Ou seja, o direito de adquirir ou vender no futuro um determinado ativo a um preço predeterminado. Não há uma obrigação do exercício da opção, somente um direito, ficando a critério do titular do contrato a decisão de negociar o ativo.

Além dos derivativos financeiros e não financeiro, há o derivativo climático. “Esses contratos sugerem há pouco tempo e são pouco explorados. Mas apresentam um enorme potencial de crescimento dado o atual cenário”, diz Lima. ■

Derivativos

Entenda o que são instrumentos de risco

Derivativos são instrumentos de proteção de risco. Segundo **Fabiano Guasti Lima**, pesquisador e consultor do Instituto Assaf, se fossem poupança, todos entenderiam seu funcionamento, pois é uma operação financeira de renda fixa cujo objetivo básico é ser uma aplicação garantida. *Ou seja, sem risco, mas que tenha pouca rentabilidade. Já a palavra derivativo* significa também uma operação financeira. Porém é um instrumento cujo objetivo é um contrato estipulado entre duas partes que combinam o preço de um bem para acerto no futuro. O bem em questão pode ser uma saca de café, soja, milho, mas pode ser também instrumento mais complexo, ou até mesmo diferentes na comparação com as demais operações. Pode ser um índice de bolsa, uma taxa de juros ou a cotação futura do dólar.